

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS CABOVERDIANO

Lívia Barbosa da Silva¹
Claudia Roberta Tavares Silva²

RESUMO

Este trabalho centra a atenção no uso da concordância nominal (CN) de número na língua falada por estudantes caboverdianos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Braliseira (UNILAB) no Ceará. Para a realização desse estudo comparativo, utilizamos a Teoria da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) que estuda a língua em sua heterogeneidade se selecionamos as seguintes variáveis linguísticas e extralinguísticas para a análise: a) posição do núcleo no SN, b) saliência fônica, c) sexo e d) período de permanência no Brasil. A partir dos resultados obtidos da análise dos 565 SN's que compõem o *corpus* do português caboverdiano (PCV), é possível concluirmos que a regra de CN de número do PVC é semicategórica, ao contrário do que se observa na língua falada do PB, conforme verificam Brandão e Vieira (2012), Scherre (1994) e Lemle e Naro (1977).

Palavras-chave: Português, Contato linguístico, Concordância nominal, Cabo Verde, Brasil.

INTRODUÇÃO

Estudos linguísticos revelam que as variedades africanas do português apresentam usos mais próximos da norma padrão da variedade europeia do português (BACELAR DO NASCIMENTO et al., 2008), sobretudo, quando se trata de falantes com maior grau de escolarização (MOTA; MIGUEL; MENDES, 2012). No entanto, há áreas na gramática dessas variedades em que se evidencia variação linguística, conforme observam Bacelar do Nascimento et al. (2008, p. 380-383). No campo morfossintático, por exemplo, é possível a ausência de concordância nominal de número no português angolano:

(1) “aí você cultiva vai na tuas lavra”

Tomando por base o que ocorre nessas variedades, centraremos nossa atenção neste trabalho no português caboverdiano (PCV) falado por estudantes da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Braliseira (UNILAB) no Ceará, tendo como objetivos: a)

Esta pesquisa foi financiada pela FACEPE através de uma bolsa PIBIC.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, liviabarbosads@gmail.com;

² Professora orientadora: doutora, departamento de Letras - UFRPE, claudiarobertats@gmail.com

investigar o uso da concordância nominal de número em dados orais dessa variedade; b) verificar quais contextos favorecem ou restringem o uso dessa concordância, c) observar se o maior grau de escolaridade exerce influência para um uso linguístico mais próximo da norma europeia do português; e d) verificar o tipo de regra linguística dessa concordância, partindo da proposta de LABOV (2003). Dessa forma, esperamos contribuir com as pesquisas realizadas sobre variedades não-europeias do português, em particular, das variedades africanas sobre a temática da CN ainda tão pouco explorada conforme podemos verificar até o momento.

Em seu estudo, Gomes (2018) concluiu, tomando por base as regras linguísticas propostas por Labov (2003), a saber: categórica (100%), semicategórica (95-99%) e variável (5-95%), que a regra de CN nos dados escritos do PB é semicategórica (99,45%), ao contrário do que se observa na língua falada nessa variedade cuja regra é variável (91,1%) (BRANDÃO; VIEIRA, 2012). Diante disso, buscaremos compreender o tipo de regra encontrado no PCV, tendo como hipótese de que, por terem os estudantes já concluído o Ensino Médio, o uso da variante padrão (ex.: os meninos) será bem mais frequente do que o da variante não-padrão (os menino). Para tanto, adotaremos ao longo da análise, a Teoria da Variação Linguística (LABOV, [1972] 2008), segundo a qual a heterogeneidade linguística verificada pela co-ocorrência de variantes é estruturada não só por fatores linguísticos, mas também extralinguísticos. Observem-se, por exemplo, dados do PVC extraídos do *corpus* da pesquisa em que se verifica a co-ocorrência da variante padrão (cf. (2) e da variante não-padrão (cf. (3)), as quais compõem a variável dependente relacionada ao fenômeno linguístico analisado aqui:

(2) “meus colegas” (PCV)

(3) “Umas coisa” (PCV)

É importante referirmos que, ao abordamos o PVC (considerado, em geral, a L2 dos falantes), não podemos deixar de lado o intenso contato linguístico no arquipélago de Cabo Verde entre essa variedade e a língua materna dos falantes (L1), a saber: o crioulo caboverdiano (CCV). Essa situação de intenso contato é também percebida em outros países lusófonos do continente africano, exceto, em São Tomé e Príncipe que, para Hagemeyer (2009), é o único país da África que tem a língua portuguesa como L1 (de acordo com o Censo de 2001, 98,9% da população falam português). Em Angola, por outro lado, a língua portuguesa é a segunda

mais importante com cerca de 26% de falantes, sendo a primeira língua mais falada o Umbundu com 30% (HODGES, 2002 apud NZAU, 2011).

Formado por dez ilhas, das quais nove são habitadas e divididas geograficamente da seguinte forma: Barlavento (ilhas do Norte) e Sotavento (ilhas do Sul), Cabo Verde sofreu muita influência de Portugal desde a sua descoberta no século XV com as expansões marítimas até a sua independência em 1975. Segundo Quint (2008 apud ALEXANDRE, 2014), em Cabo Verde, apenas 2% das palavras funcionais são de origem africana e isso se deve ao fato do esforço dos africanos em aprender a língua portuguesa no século XV que, atualmente, é a língua oficial, usada no meio político, administrativo, ensinada nas escolas e na comunicação com o exterior. Nesse sentido, podemos pressupor que os falantes com um grau escolar mais elevado em Cabo Verde (como é o caso dos sujeitos desta pesquisa que já ingressaram na UNILAB) se esforçam mais para usar a variante padrão, visto que o português europeu (PE) é considerado uma língua de prestígio no país.

Tendo em mente o contato linguístico entre o PCV e o CCV, é importante observarmos a influência deste sobre aquele. Segundo Moreira (2014), esse crioulo utiliza poucos morfemas indicadores de plural. Utiliza-se a desinência *-s* herdada do português, variando em *-s* quando a palavra termina em vogal (cf. (4a)) e *-is* quando a palavra termina em consoante (cf. (4b)):

(4)a. sg. skóla “escola” – pl. skólas ‘ecolas’

b. sg. mudjer “mulher” – pl. mudjeris “mulheres”.

A seguir, apresentamos um quadro extraído de Floripi e Moreno (2010) que mostra como a marca de plural pode ocorrer nos nomes do crioulo caboverdiano e do PE:

Marcas	CV	PE
-s palavras terminadas em vogais;	Kaza di riku e senpri bunitu Kazas di riku e senpri bunitu	Casa de rico sempre é bonita As casas dos ricos são sempre bonitas
-is palavras terminadas em consoantes;	Mudjer e intilijenti Mudjeris e intilijenti	A mulher é inteligente As mulheres são inteligentes
-s/sis palavras terminadas em sons nasais	Armun di Intóni dja forma;	O irmão do António já se formou

	Armuns di Intóni dja forma; Armunsis di Intóni dja forma	Os irmãos do António já se formaram
--	---	--

Quadro 1: Morfemas substantivais de número

Fonte: Floripi e Moreno (2010, p. 7)

Cardoso (2005 *apud* FLORIPPI; MORENO, 2010) ainda verifica que os substantivos no CCV não têm flexão obrigatória de número, o que resulta em uma variação, valendo ressaltar que, ao ser antecedido por determinantes (neste caso, pelo dêitico *Kes* (aqueles) (cf. (5a) e (5b)), a preferência é que os determinantes recebam o morfema de número (cf. (5b), (6a) e (6b)) e não o nome, ao contrário do que ocorre em (7) em que o sintagma nominal *Kel minino* (“Aquele menino”) encontra-se no singular:

(5)a.?? Kes mininus kumi dósi.

“Aqueles meninos comeram doce.”

b. Kes mininu kumi dósi.

“Aqueles meninos comeram doce.”

(FLORIPPI; MORENO, 2010, p. 6)

(6)a. Uns rapariga

“Algumas moças”

b. Nhas fidju

“Meus filhos”

(BAPTISTA, 2002, p. 36)

(7) Kel mininu kumi dósi.

“Aquele menino comeu doce.”

(FLORIPPI; MORENO, 2010, p. 6)

Vale dizermos ainda que, ao levarmos em conta alunos da UNILAB que estão há menos de seis meses e há mais de seis meses no Brasil, testaremos a seguinte hipótese: embora possam apresentar um uso mais próximo à variedade europeia devido ao maior grau de escolaridade, os cabo-verdianos que estão com maior tempo de permanência no Brasil podem apresentar com maior frequência o uso da variante não-padrão devido à sua maior exposição aos dados do PB cuja regra é variável (BRANDÃO; VIEIRA, 2012).

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foram utilizados: a) o método indutivo porque partimos de dados coletados para a formulação de generalizações e b) o método estatístico para desenvolver a análise quantitativa dos dados. Para tanto, os dados do PCV foram coletados de 12 entrevistas realizadas com alunos da UNILAB pelo grupo PROFALA, as quais estão disponíveis no site <https://profala.ufc.br/o-portugues-falado-nos-paises-africanos-de-lingua-oficial-portuguesa-palop-e-no-timor-leste/corpus-do-projeto/>.

Quanto à população investigada, foram selecionados 6 estudantes caboverdianos do sexo feminino (3 com mais de 6 meses no Brasil e 3 com menos de 6 meses) e 6 do sexo masculino (3 com mais de 6 meses de estadia no Brasil e 3 com menos de 6 meses) Em nossa pesquisa, testaremos ainda a seguinte hipótese: o sexo feminino usa mais a variante padrão do que o sexo masculino por serem as mulheres mais conservadoras, indo na direção dos resultados obtidos em estudos sociolinguísticos (MOLLICA; BRAGA, 2012, p. 34).

Quanto ao *corpus* da pesquisa, constitui-se de 565 SN's. Elaborado o *corpus*, foram selecionadas as variáveis linguísticas: a) posição do núcleo no SN e b) saliência fônica, e extralinguísticas: a) sexo e b) período de permanência no Brasil (esta última apenas para os alunos caboverdianos). Após a seleção, os dados foram codificados e submetidos à análise quantitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando verificar o tipo de regra linguística associada à concordância nominal de número nos dados do PCV, vejamos o quadro 2 que apresenta o comportamento da variável dependente formada pela variante padrão e não-padrão:

Total geral dos dados	variante não-padrão (%)	variante padrão (%)
565	1,95%	98,05%

Quadro 2: Ocorrência e percentual geral da variante padrão e não-padrão no PCV

Fonte: Autora deste trabalho

A seguir, apresentamos exemplos de SNs do PCV com a variante padrão (cf. (8)) e a variante não-padrão (9):

(8) “dez ilhas” (Sexo feminino com menos de seis meses no Brasil)

(9) “umas coisa” (Sexo masculino com menos de 6 meses no Brasil).

No quadro 2, o PCV aponta para um uso mais próximo à norma europeia cuja regra de concordância nominal de número é categórica (99,9%) (BRANDÃO; VIEIRA, 2012), o que corrobora as pesquisas de Bacelar do Nascimento et al. (2008) e Mota, Miguel e Mendes (2012).

À semelhança do que foi obtido por Gomes (2018) para os dados escritos do PB, a regra de CN de número é semicategórica no PCV, 99,45% e 98,05%, respectivamente. Esse resultado vai de encontro ao obtido na língua falada do PB cuja regra é variável (91,1%), conforme verificam Brandão e Vieira (2012). Dito isso, essa diferença entre a língua falada e a língua escrita no PB parece apontar para a influência da escola na manutenção da variante padrão, conforme verificam Scherre (1988) e Naro e Scherre (2006). E ainda, o tipo de texto escrito (dissertativo) e o maior grau de monitoramento do aluno quanto ao seu uso linguístico por estar participando de um vestibular devem ser também considerados de acordo com Gomes (2018). Sobre o PCV, pretendemos, em uma pesquisa futura, incluir a modalidade escrita para percebermos se o tipo de regra linguística sofrerá alteração como ocorreu com o PB.

A partir deste momento, daremos início à análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas, a fim de verificarmos que fatores podem favorecer o uso da variante padrão ou não. Sobre a variável linguística *posição do núcleo no SN*, observemos os quadros abaixo:



	Posição do núcleo no SN	Ocorrência padrão / não padrão	Porcentagem padrão / não padrão	Quantidade de sintagmas analisados
Mulheres (mais de seis meses)	1º	41 / 1	20,91% / 0,51%	196
	2º	135 / 2	68,87% / 1%	
	3º	13 / 0	6,63% / 0%	
	4º	4 / 0	2,04% / 0%	
Mulheres (menos de seis meses)	1º	18 / 1	10,65% / 0,59%	169
	2º	136 / 0	80,47% / 0%	
	3º	10 / 0	5,91% / 0%	
	4º	4 / 0	2,36% / 0%	

Quadro 3: Atuação da variável Posição do núcleo no SN no PCV em relação ao sexo feminino

Fonte: Autora deste trabalho

	Posição do núcleo no SN	Ocorrências padrão / não padrão	Porcentagem padrão / não padrão	Quantidade de sintagmas analisados
Homens (mais de seis meses)	1º	25/0	30,12% / 0	83
	2º	53/0	63,85% / 0	
	3º	4/0	4,81% / 0	
	4º	1/0	1,2% / 0	
Homens (menos de seis meses)	1º	25 / 4	21,36% / 3,41%	117
	2º	70 / 3	59,87% / 2,56%	
	3º	10 / 0	8,54% / 0%	
	4º	5 / 0	4,27% / 0%	

Quadro 4: Atuação da variável Posição do núcleo do SN no PCV em relação ao sexo masculino

Fonte: Autora deste trabalho

Abaixo apresentamos alguns dados extraídos do *corpus* do PCV, tomando por base a posição do núcleo:

(10) “Salas de aula”

(11) “Os colegas”

(12) “As duas mulheres”

Conforme podemos perceber, independentemente do sexo e do tempo de permanência no Brasil dos alunos caboverdianos, a primeira e a segunda posição ocupada pelo núcleo no interior do sintagma são muito frequentes. Os resultados percentuais apontam, em geral, para um maior uso da variante padrão, valendo ressaltar que os alunos com menos de seis meses apresentam um uso dessa variante um pouco inferior quando o núcleo se encontra nas referidas posições.

No que se refere à segunda variável, a *saliência fônica*, Lemle e Naro (1977) observam que formas menos salientes em que a diferença entre plural e singular dá-se apenas pelo acréscimo do morfema *-s*, tendem a favorecer a variante não-padrão, ao contrário do que ocorre com formas mais salientes em que essa diferença é bem perceptível em termos fonológicos (cf. também SCHERRE, 1994). Com base nesses estudos, verifiquemos os quadros 5 e 6 a seguir:

Sexo/Período de permanência no Brasil	Ocorrência + Saliente Padrão/Não Padrão	Ocorrência - Saliente Padrão/Não Padrão	Porcentagem + Saliente Padrão/Não Padrão	Porcentagem - Saliente Padrão/Não Padrão	Quantidade de sintagmas analisados
Mulheres + 6 meses	3/1	39/3	6,52% / 2,17%	84,78% / 5,52%	46
Mulheres - 6 meses	3/0	48/1	5,76% / 0	92,3% / 1,29%	52

Quadro 5: Atuação da variável Saliência Fônica no PCV em relação ao sexo feminino

Fonte: Autora deste trabalho

Sexo/Período de permanência no Brasil	Ocorrência + Saliente Padrão/Não Padrão	Ocorrência - Saliente Padrão/Não Padrão	Porcentagem + Saliente Padrão/Não Padrão	Porcentagem - Saliente Padrão/Não Padrão	Quantidade de sintagmas analisados
Homens + 6 meses	4/0	19/0	17,39% / 0	82,6% / 0	23
Homens - 6 meses	5/1	25/5	13,88% / 2,77%	69,44% / 13,88%	36

Quadro 6: Atuação da variável Saliência Fônica no PCV em relação ao sexo masculino

Fonte: Autora deste trabalho

Os SNs em (13) e (14) extraídos do *corpus* da pesquisa mostram plurais [+salientes] (cf. e [-salientes])

- (13)a. “Certas expressões”
b. “Momentos formais”

- (14)a. “Os outros”
b. “Duas variantes”

De acordo com os resultados apresentados nos quadros 5 e 6, plurais [+ salientes] não são muito produtivos na língua falada dos alunos caboverdianos. Além disso, a variável saliência fônica não se apresenta atuante, pois o uso da variante padrão tem um grande percentual independentemente do sexo e do tempo de permanência no Brasil desses falantes.

Quanto à variável *tempo de permanência no Brasil*, o quadro abaixo mostra detalhadamente a ocorrência e o percentual de SNs, tomando por base o uso da variante padrão e não-padrão:

Sexo	Período de estadia no Brasil	Ocorrência/ variante padrão (%)	Ocorrência/ variante não-padrão (%)
Masculino	Menos de 6 meses	110/ 94,01%	17/ 5,99%
Masculino	Mais de 6 meses	83/ 100%	0
Masculino	Menos de 6 meses	168/ 99,4%	1/ 0,6%
Feminino	Mais de 6 meses	193/ 98,46%	3/ 1,54%

Quadro 11: Atuação da variável Tempo de Permanência no Brasil

Fonte: Autora deste trabalho

Com base nos resultados percentuais obtidos, a hipótese levantada neste estudo não é atestada, pois, independentemente do tempo de sua estadia no Brasil, os alunos e alunas caboverdianas tendem a usar a variante padrão, a forma de prestígio, valendo ressaltar aqui que os alunos com menos de 6 meses são os que apresentam um percentual um pouco maior para o uso da variante não-padrão (5,99%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos, é possível concluir que a regra de CN de número é semicategórica na língua falada do PCV, ao contrário do que se observa na língua falada do PB em que a regra é variável, conforme verificam Brandão e Vieira (2012). Além disso, a partir dos resultados apresentados, as variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas não são, em geral, atuantes para a CN, pois a tendência geral nos dados vai em direção a um grande percentual de uso da variante padrão para todos os fatores que compõem essas variáveis.

REFERÊNCIAS

Alexandre, Nélia (no prelo, 2014). **Aquisição de Português L2 em Cabo Verde: alguns aspectos morfossintáticos do contacto**. In G. Araújo; P. Jeferson & M. Oliveira (eds.), Português Falado na África Atlântica.

BACELAR DO NASCIMENTO et al. **Corpus África:** as cinco variedades africanas do português. XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2008, p. 373-384.

BAPTISTA, M. **The syntax of Cape Verdean Creole:** the Sotavento varieties. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. **Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português.** *Alfa*, v. 53, n. 3, P. 1035-1064, 2012.

Floripi, S. A., & Moreno, I. (2010). **Marcas de concordância no caboverdiano e no português:** uma visão comparativa (Brands agreement in Cabeverdean and Portuguese: a comparative view). *Estudos Da Língua(gem)*, 8(1), 223-240

HAGEMEIJER, Tjerk. 2009. **As línguas de São Tomé e Príncipe. Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola 1.**

LABOV, W. **Some sociolinguistic principles.** In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings.* Oxford: Blackwell, 2003.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEMLE, M. & NARO, A. J. (1977). **Competências básicas do português.** Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro. 151p.

MOLLICA, M. C.; M. L. BRAGA (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto. p. 34, 2012.

MOREIRA, Ana Karina Tavares; 2014 – **A variação geográfica do crioulo caboverdiano –** FAU University Press.

MOTA, M. A.; MIGUEL, M.; MENDES, A. **A concordância de P6 em português falado. Os traços pronominais e os traços de concordância.** *Papia*, v. 22, n. 1, p. 161-187, 2012.

NDELE NZAU, D. G. **A língua Portuguesa em Angola – Um contributo para o Estudo da sua Nacionalização,** 2011.

SCHERRE, M. M. P. **Aspectos da concordância de número no português do Brasil.** *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português.* Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

_____. **Reanálise da concordância nominal em português.** 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras: Rio de Janeiro, 1988. 555p.

_____.; NARO, A. J.; **Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil.** *Revista Delta-Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

GOMES, A. P. R. **A concordância nominal de número e gênero em redações escolares de alunos pernambucanos, angolanos e moçambicanos.** *Relatório Final PIC/ UFRPE*, Recife, 2018.

